



**Universidade de Brasília
Faculdade de Educação**

Estéticas do aprender: o terreiro como espaço educativo

Marcela Villa Real Franco Tavares

BRASÍLIA/2019



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE

Marcela Villa Real Franco Tavares

Estéticas do aprender: o terreiro como espaço educativo

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção de título de Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Patrícia L. M. Pederiva

Coorientadora: Prof.^a Me. Sheyla Gomes de Almeida

TAVARES, Marcela Villa Real Franco

ESTÉTICAS DO APRENDER: O TERREIRO COMO ESPAÇO EDUCATIVO/
Marcela Villa Real Franco Tavares – Brasília, 2019.

62 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília.

Faculdade de Educação, 2018

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva

Coorientadora: Prof.^a Me. Sheyla Gomes de Almeida

1. Educação; 2. Fotografia; 3. Umbanda.

TERMO DE APROVAÇÃO

Marcela Villa Real Franco Tavares

Estéticas do aprender: o terreiro como espaço educativo

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em 04/12/2019.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva - Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas/FE/UnB

Prof.^a Me. Sheyla Gomes de Almeida – Co-orientadora
Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas/PPGE /FE/UnB

Prof.^a Me. Daniela Barros Pontes e Silva – Examinadora
Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas/PPGE /FE/UnB

Prof. Me. Saulo Pequeno Nogueira Florêncio – (Examinador Suplente)
Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas/PPGE /FE/UnB

BRASÍLIA/2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos encontros que pude ter, nos últimos anos, dentro e fora do ambiente acadêmico.

Agradeço a minha família, por mesmo achando uma loucura fazer uma segunda graduação me apoiaram nesse processo.

Agradeço aos meus irmã, irmãos e amigos, por serem ombro amigo e me escutarem e auxiliarem durante o processo.

Agradeço às minhas orientadoras por terem apoiado minhas ideias, e por acreditarem nas potencialidades humanas.

Agradeço ao GEPPE, por ter me acolhido durante este semestre.

Agradeço também a todas que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

Epígrafe

“O modo como vemos o mundo quase sempre afeta o que vemos”

Dondis, 1976.

RESUMO

Este trabalho buscou investigar o que as crianças que frequentam a Tenda Espírita São Jerônimo, Núcleo Bandeirante, aprendem em um Terreiro de Umbanda, entendendo-se aqui, a vida como processo educativo. Para isso investigamos a constituição histórico-social do negro no Brasil, e a vida enquanto processo educativo que perpassa pela tradição oral. A metodologia deste trabalho está entrelaçada com a vivência das crianças neste espaço. Através da produção fotográfica elas materializaram suas vivências e aprendizagens.

Palavras-Chave: Educação; Fotografia e Umbanda

ABSTRACT

This study tried to investigate what children who attend the Tenda Espírita São Jerônimo, Núcleo Bandeirante, learn in a Umbanda Terreiro. For this we investigate the social-historical constitution of black people in Brazil, and life as an educational process that runs through the oral tradition. The methodology of this work is intertwined with the experience of children in this space. Through photographic production they materialized their experiences and learning.

Key-words: Education; Photography; Umbanda

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Eu fotografo minha avó durante a Festa de Ogum em 2018. Foto: Myke Sena.....	17
Figura 2 - Crianças comendo bolo durante a Festa de Erê em 2016. Foto: Myke Sena.....	34
Figura 3 - Gestos para Yansã durante Festa de Erê em 2017. Foto: Marcela Villa.....	37
Figura 4 - Membro da casa segura copo com água pra a entidade Oshun durante a Festa de Erê em 2017. Foto: Marcela Villa.....	37
Figura 5 - Crianças interagem com a Entidade Doum durante Festa de Erê em 2017. Foto: Marcela Villa.....	38
Figura 6 - S tocando o atabaque durante a Festa de Erê em 2016. Foto: Myke Sena.....	40
Figura 7 - Vovó Dalva por S.....	42
Figura 8 - Conjunto de fotos de pessoas por J.....	43
Figura 9 - Conjunto de fotos do Gongá por S.....	44
Figura 10 - Conjunto de fotos do Gongá e estatuas por J.....	45
Figura 11 - Atabaque por S.....	46
Figura 12 - Conjunto de fotos do atabaque por J.....	47
Figura 13 - Foto de Quadro com mulheres dançando por S.....	48
Figura 14 - Quadro de fotos com mulheres dançando por J.....	48
Figura 15 - Conjunto de fotos do Adjá por S.....	49
Figura 16 - Conjunto de fotos da mesa e comida por J.....	50
Figura 17 - Proibido o uso de celular por S.....	51
Figura 18 - Conjunto de fotos cruz, sapo e areia por J.....	52

SUMÁRIO

Memorial	11
Introdução	15
1 - A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DO NEGRO NO BRASIL	20
2. EDUCAÇÃO NÃO É SINÔNIMO DE ESCOLA: A VIDA COMO PROCESSO EDUCATIVO	28
2.1 Escola. Educação e Vida	28
2.1 Educação e a Oralidade	31
3. <i>VIVÊNCIAS DO TERREIRO - PELAS LENTES DAS CRIANÇAS</i>	33
3.1 Metodologia	33
3.2 Observações	36
3.3 O Olhar das Crianças	39
4. PERSPECTIVAS FUTURAS	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE	58
Apêndice A – Relatório - Observação de Campo	58
ANEXOS	61
Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	61
Anexo B - Autorização de uso de imagem	62

Memorial

Há em cada uma das palavras presentes um reencontro com diversos Eus que se emaranhavam até aqui, algumas de sabor adocicado e outras com algum amargor. Colocar-me presente em um texto é um grande desafio. Estou em constante mudança, refletindo a educação, seus espaços, suas relações e suas dinâmicas.

Começarei me apresentando. No momento que escrevo este texto tenho 28 anos. Morei a maior parte da minha vida no Núcleo Bandeirante, uma das primeiras cidades construídas em Brasília, criada com o intuito de abrigar os operários, lugar em que a ideia inicial era que ela deixasse de existir assim que a cidade que estava sendo erguida estivesse pronta. Que grande ilusão!

Cresci próxima a minha família materna, que é muito numerosa e expansiva. Onde a maior parte dos membros são umbandistas, sendo minha Avó Dona Dalva . zeladora de um Terreiro de Umbanda, a Tenda Espírita São Jerônimo. Local onde passei muitos anos da minha infância, brincando, auxiliando minha avó nos preparativos. Frequentei este espaço até o início da adolescência.

Em conjunto com as práticas religiosas da minha família, uma chácara que possuíamos em Planaltina de Goiás, foi muito importante pra minha infância, pois este era o local em que ia nas férias e finais de semana. Espaço em que todos os primos se reuniam para brincar, onde pude dispor de um contato grandioso com a natureza e em que tive a liberdade de sair cedo pra brincar e só voltar para comer e tomar banho. Na chácara ninguém ditava para as crianças, as formas de brincar e agir.

Lembro-me de um quartinho especial que ficava logo na entrada do terreno, onde minha avó guardava seus santos. Toda vez que estávamos lá ela tirava conchas, pedras, louças para limpar aquele espaço com cuidado.

Outro espaço marcante no meu desenvolvimento foi a escola. Fui uma “boa” aluna das que seguem as regras do espaço atentamente. Por ser muito introspectiva busquei no estudo e no espaço escolar uma forma de poder participar e socializar. Era a aluna que os outros estudantes copiavam seus deveres de casa e que buscavam para auxiliar em trabalhos, mas, não me relacionava muito com estes fora do ambiente escolar. Muitas vezes chegava a ser arrogante a ponto de me julgar melhor que algumas pessoas por ser melhor que elas no âmbito

escolar. Mas, a medida que fui crescendo e tendo contato com as pessoas e as conhecendo melhor, pude perceber que este lugar arrogante e de julgamento e hierarquização dos outros era falacioso, pois, hoje sei que desenvolvemos potencialidades diversas ao longo da vida.

Em um determinado momento percebi que tinha algo estranho com a escola, mas não sabia explicar o que era. As pessoas estudavam muito, ou sabiam muitas coisas, mas que não conseguiam atingir excelência esperada pela escola. Mas, estas reflexões ficaram apenas no campo das ideias e do pensar por muito tempo antes de amadurecerem.

Terminei a Educação Básica, o ensino médio em 2009, não entrei de imediato na faculdade e fiz cursinho para passar no vestibular da Universidade de Brasília (UnB) durante seis meses e, no semestre seguinte, iniciei o curso de Comunicação Social em uma Instituição privada, mas, percebi que não queria esse curso e tranquei a faculdade voltando estudar para o vestibular, só que, desta vez, em casa. E como minha mãe havia sido remanejada em seu trabalho para a cidade de Planaltina fomos, meu irmão mais novo e eu, morar na chácara em Planaltina de Goiás que era próxima ao trabalho dela.

Neste tempo, além de estudar para o vestibular, tinha que me deparar com escolher qual curso fazer. Conheci a museologia, pois uma amiga me apresentou os novos cursos que iriam abrir na UnB e começamos a conversar sobre este, que me pareceu um ótimo curso. Pesquisei sobre a Museologia, e resolvi que o faria.

Ao longo do curso começaram minhas reflexões sobre o que era o museu, qual experiência com museus tem-se e quem acessa estas experiências, quem ia ao museu e quando ia ao museu. E em meio a estas reflexões comecei a me sentir descontente com o curso, pois não conseguia me enxergar nele. Fiz disciplinas espalhadas pelos departamentos da UnB: Comunicação Social, Filosofia, Pedagogia. Buscando dentro da universidade e aquilo que me desse prazer de fazer.

Comecei a disciplina Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, apenas por que gostaria de fazer disciplinas que me proporcionassem o bem estar na universidade. A turma foi convidada a conhecer o LAMCE – Laboratório de Arte, Música, Cultura e Educação, projeto que fazia parte do currículo da pedagogia enquanto projeto 3. Eram realizadas atividades aos sábados em escolas na Cidade Ocidental, Aleixo Pereira Braga I (Quilombo Mesquita) e Aleixo Pereira Braga II (Jardins ABC).

Lá era pensada e realizada uma Educação Musical de forma desescolarizada e com perspectivas libertárias, libertadoras, que para além do desenvolvimento da Musicalidade, daqueles que participavam do projeto, compreendendo as pessoas em suas potencialidades,

proporcionando experiências para que estes pudessem se desenvolver musicalmente. Está experiência me fez refletir bastante e talvez seja o cerne do que são, neste momento, minhas intenções de pesquisa e, de quais as funções de um espaço educativo deva ter.

Ao regressar a universidade para cursar Pedagogia, busquei em conjunto ter outras vivências para além do Campus. Compreender a educação de uma perspectiva maior que a instituição.

Durante a busca por estabelecer conexões com esses saberes abandonados em minha trajetória, participei de diversas Vivências na Pedagogia Griô. É uma prática pedagógica que busca inserir na centralidade do fazer pedagógico a identidade e ancestralidade dos estudantes, com base na oralidade, corporeidade e na elaboração de conhecimentos. Experiência que me ensinou a olhar minha história, minha ancestralidade e a valorizar os saberes ensinados por minha Avó e Avô. Assim, compreendi que pensar em como inserir referências estéticas das nossas matrizes originárias em práticas pedagógicas, para isso, é necessário vivenciá-las.

Outro lugar que me fez pensar em como ser uma educadora e em outros caminhos possíveis de fazê-lo, que não só o escolarizado, foi a Associação Brasil Soka Gakkai Internacional, BSGI, Organização Não Governamental (ONG) que segue alguns preceitos budistas da qual fiz parte, onde aprendi muito sobre ser uma educadora e principalmente a pensar uma educação para a paz, diálogo e empatia.

Durante a IV Conferência Nacional de Alternativas para uma nova Educação (Conane), me deparei com uma frase que vez ou outra reverbera em minha mente, não da mesma forma da primeira vez ouvida, mas, sempre com o mesmo questionamento: “Quem segura a caneta não é mais importante do que quem segura o pilão” (Célia Xacriabá). Reflito sobre a valorização de um saber cognitivo sistematizado pela escrita e um fazer acadêmico e sobre a desvalorização dos saberes dos povos tradicionais que transitam por outras relações e valores de mundo.

Nos últimos 3 anos, estive como educadora na Escola da Árvore, um ambiente escolar localizado em uma chácara no Lago Norte, em Brasília, que tem como eixos principais a diversidade, a natureza e o movimento. Uma experiência educativa preocupada em construir uma educação com sentidos para as crianças que habitam esse espaço, que respeite a integralidade da pessoa e do coletivo. Apesar de ser uma entidade privada, pude, nesses anos, conviver com profissionais e educadores preocupados e dispostos a questionar paradigmas sociais e a indagar com leveza com as crianças, diversas questões sobre a cultura popular,

gênero e raça, que são desafios que a escola busca pautar. Todas essas vivências constituem a pedagoga em formação que escreve esse trabalho.

Introdução

*Antes de mais nada peço licença,
A todas que vieram antes de mim,
A todas que cruzaram meu caminho,
Pois todo emaranhado de mim se constitui desses encontros
Meu com as outras e comigo.*

Não pretendo me aprofundar em tais encontros, mas compreendo que o que vivi e o que me afetou me trazem até aqui, momento que compartilho algumas reflexões presentes neste trabalho. Reflito inicialmente sobre duas divindades uma de origem Africana e outra da Grécia Antiga, O Tempo, Iroko, e a Memória, Mnemosine. Discuto aqui a dicotomia entre os saberes orais e o saberes acadêmicos, que seguirão pela completude deste texto.

Ikoro: tempo, árvore e lugar. Aquele que se assenta no mundo em sua cadência própria, nas urgências de nossas vidas e que nos oferece a sombra para fincar raízes, para pensarmos naquilo que nos antecede, no que é ancestral. Mnemosine, filha de Gaia e Urano, mãe das nove musas e dos museus. Memória, aquela que nos resguarda do esquecimento. Sustentado no templo das musas, espaço e instituição de arte, história e salvaguardar as memórias da humanidade.

São nessas duas figuras que gostaria de começar este trabalho, em uma busca minha de reconciliação e reconhecimento entre o tempo e a memória, entre a oralidade e o saber acadêmico, que permeiam nossos saberes e fazeres. Por muito tempo, negligenciei minha história, que cresci em um terreiro de umbanda, entre atabaques, agogôs, histórias dos orixás, saias, turbantes, guias, passar café para o Preto Velho, acender vela das Almas, lavar louça do Santo e incensar o terreiro coordenado por minha família, em especial minha Avó Dona Dalva.

Há anos, me desencontrei deste lugar, não por uma distância física e sim por uma distância afetiva. Não é coincidência que este desencontro se deu em junção com a minha entrada no Ensino Fundamental e com minha saída da rede pública de ensino e ida para a rede privada, quando me tornei então a neta da macumbeira.

Em algum momento, no início dos anos 2000, eu com meus 11 ou 12 anos, decidi que aquele lugar não era mais pra mim, tenho ainda as memórias vivas deste momento. Isso aconteceu comigo e com uma amiga de infância, que também cresceu neste espaço, e que posteriormente também se distanciou. Lembro-me de nós duas, deitadas em um vestuário com saias e anáguas penduradas sob nossas cabeças em meio a uma conversa em que digo à ela que não iria “mais subir” - uso a expressão subir, pois o terreiro e minha casa se dividem por um lance de escadas e é habitual o uso dessa expressão -, para o terreiro da minha avó, pois já não acreditava mais em Santo - e, desde este então, quando vou a esse espaço, vou ao terreiro somente em dia de festa.

Outro aspecto marcante que gostaria de compartilhar aqui, é um momento em que fui parar na direção da escola, por estar correndo no corredor ou por alguma divergência em um trabalho em grupo. Quatro meninas paradas na frente da mesa da coordenadora, e ela nos pergunta se já havíamos confessado. Eu, que não havia escutado ou me atentado há esse termo antes, respondi que não, e enquanto a coordenadora falava da importância da confissão, fiquei ali na sala me questionando o que era aquilo que para todo mundo na sala era tão óbvio e que eu não fazia ideia.

Nos caminhos de minha vida, as reflexões sobre este lugar, foram as mais diversas. Em algumas situações, refleti sobre esse espaço enquanto lugar de religiosidade e como ele se encontrava na sociedade e na minha família, pois não havia conversa na família, mesa da cozinha, evento de família e no cotidiano que este não seja sobre esse assunto, direta ou indiretamente. Também me questiono sobre meu lugar na dinâmica desse espaço, pois, por uma arrogância acadêmica não consegui por muito tempo reconhecer a potência desse lugar. Encontro-me em consonância e constante transformação quanto ao significado que a Tenda Espírita São Jerônimo tem em minha vida, porque em minha família, este lugar é central.

O meu reencontro com este lugar, converge com o período de quase 3 anos, que venho me propondo a ser uma amadora em fotografia, pois, através dela, voltei a participar em companhia de um fotógrafo, daquele espaço, tão familiar, como fotógrafa das festividades do terreiro. A fotografia permitiu-me não apenas contribuir com a memória desse espaço, mas, a ter um olhar sensível para tentar compreender não apenas a história da minha família, mas da umbanda e de relações baseadas na oralidade.



Figura 1 - Eu fotografo minha avó durante a Festa de Ogum em 2018. Foto: Myke Sena

Uma câmera em mãos e um par de lentes no bolso me possibilitaram viver esta experiência de um outro lugar, em que me permitia afetar e a ser afetada pelo que via e vivia. A fotografia tem sido o caminho que uso para expressar minhas opiniões, olhares e percepções do mundo desde então. E por essa experiência, lembro da afirmação de Vigotski (1999), quando diz que, a arte é o social em nós e que nossa percepção estética se relaciona com as nossas emoções.

Nessa perspectiva, outro contexto de relações e conhecimentos que me auxiliaram a rever a significância do Centro de Umbanda da minha família em minha existência. Isso aconteceu na universidade, cursando Museologia e a graduação em Pedagogia, que oportunizaram-me vivenciar tantos universos e expressões do mundo, que valorizam os contextos e grupos diversos que compõem o Brasil e a compreender sua importância na constituição do país. Por meio desse espaço consegui passar a olhar e a valorizar outras formas de saberes que não só o acadêmico científico eurocêntrico.

No contexto da museologia, um questionamento que me ocorria constantemente era sobre as relações de poder que uma instituição como o museu e a escola tinham em nossa sociedade, por se constituírem como um espaço de validação do que vale a pena ser ensinado, aprendido, salvaguardado, do que é arte, do que deve ser preservado, do que deve ser transmitido como conhecimento válido e verdadeiro. Não somente de como essas escolhas se davam, mas, também, como essas instituições se constituíam em lugares intimidadores. A

escola, que habitualmente se organiza por meio de uma estrutura disciplinar, com cadeiras enfileiradas com um quadro na frente e, o museu, que se configura no imaginário social como um local inacessível e para poucos e entendidos.

Illich, ao abordar a instituição escola, afirma que ela faz, confusão de processo com substância confundindo “ensino com aprendizagem, obtenção de grau com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo”(ILLICH, 1985, p.16) e que nossa realidade social tornou-se escolarizada e não apenas a escola. A sociedade utiliza-se de valores e sentidos deturpados para supervalorizar as instituições (não só) nos levando a diversos equívocos, como os apontados acima.

Tudo isso se reflete na sociedade complexa, diversa e estética que nos constituímos, permeada por diversas formas de ocupar e expressar o mundo, o que vem gerando estruturalmente, um significativo processo de exclusão das pessoas que não se enquadram nas expectativas e normatividades sociais, como os grupos sociais mais vulneráveis como: mulheres, negros, LGBTQI+, indígenas, camponeses, deficientes, etc.

A escola enquanto espaço reprodutor de padrões sociais, por muito corrobora com a manutenção desta lógica. Entretanto, as escolas inovadoras buscam repensar padrões postos da constituição das relações humanas. Entende-se que a escola pode ser um espaço privilegiado de pensar e exercitar nossas relações em sociedade, humanizando-as, no entanto, seus processos tem-se desenvolvido de forma fragmentada e descolada das realidades.

Esses questionamentos, me levaram a trilhar alguns caminhos de compreensão sobre o que seria uma educação estética e de como ela afeta a vida. Ressalto que aqui chamo de estética, em referência ao grego *aisthētiké*, “aquilo que se nota” referente ao que sentimos e parte das nossas experiências e expressões no mundo. A educação ocorre através das relações humanas, através das intenções de partilhar nossos saberes, e não necessariamente por uma instituição. Como afirma Paulo Freire “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE,2016, p.120) A escola não é o único espaço educativo que temos, mas também as famílias, museus, espaço religiosos, que também são exemplos de espaços educativos. Em nossa realidade escolarizada acabamos por confundir a instituição escolar com educação e a transformar nossas necessidades em mercadorias como afirma Illich “ tendo uma sociedade transformando as necessidades básicas em demandas por mercadorias cientificamente produzidas” (ILLICH,1985, p.18)

Ao retornar à universidade para cursar Pedagogia me deparei com uma relação diferente com a educação. Ao ler as reflexões de Paulo Freire, percebi que tornar-me educadora, pedagoga, era um ato político. Uma escolha de pensar a educação enquanto ação do e no mundo, e um dos principais meios de nos afetar e nos transformar enquanto sociedade. Questiono o por quê ser tão difícil em algumas instituições, acessar e/ou reconhecer algumas expressões/vivência no mundo, a medida que é em meio a nossas experiências educativas, cotidianas e estéticas que se dão a complexidade e diversidade da vida.

Assim, esses espaços me mostraram que a educação não é exclusiva da escola, mas, que permeia a vida e nossas relações. Partindo do princípio que a vida educa, “em suma, só a vida educa e, quanto mais amplamente a vida penetrar na escola, tanto mais forte e dinâmico será o processo educativo.”(VIGOTSKI, 2003, p.300) e que todos os espaços são espaços educativos, essa pesquisa tem por objetivo **investigar o que o terreiro educa.**

Este trabalho será estruturado da seguinte forma: na primeira parte, buscou-se investigar a **constituição histórico-social do negro no Brasil**; na segunda parte, refletiu-se sobre **a vida como processo educativo**; na terceira e última parte, buscou-se investigar **o terreiro como espaço educativo**, desenvolvendo uma pesquisa por meio da produção fotográfica da pesquisadora e das crianças. Buscou-se identificar o que as crianças que frequentam a Tenda Espírita São Jerônimo, no Núcleo Bandeirante, aprendem nesse espaço.

1 - A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DO NEGRO NO BRASIL

Esta seção do texto destina-se a discutir a constituição histórica-social do negro no Brasil, assim como seus processos de resistência cultural que perpassam pelas religiosidades de matriz afro-brasileira, já que o terreiro de Umbanda pertence a essa matriz. Em um país como o Brasil, se faz necessário compreender as bases relacionais e as visões de mundo que se desenvolveram na constituição histórico-social das populações negras, pois há especificidades em como nos relacionamos com a negritude e suas manifestações culturais e religiosas.

Ao estudarmos a História da Educação Brasileira, é comum que iniciemos pela chegada dos Jesuítas no país, como fundadores da educação brasileira, ignorando as formas de transmissão de saberes das populações indígenas enquanto educação, da mesma forma como negligenciamos as formas de saberes das populações africanas que foram trazidas à força para o território brasileiro. Coloca-se a educação como refém de instituições, métodos, técnicas e currículos, fundamentados em uma visão Eurocêntrica e judaico-cristã de mundo. Abordagens essas, que entram em desacordo com a perspectiva de Vigotski em que a educação ocorre na vida e tem como "único critério do conhecimento é seu valor vital, sua necessidade para a vida ou o princípio de realidade" (VIGOTSKI, 2003, p.192).

O mundo em que vivemos hoje se constituiu através da exploração de territórios, povos e culturas. O sistema-mundo moderno, o capitalismo, desenvolveu-se através da colonização de vários povos. Ao observarmos a realidade brasileira, estamos falando de um Capitalismo Colonial, moderno e eurocêntrico como padrão social que se baseou na racialização das pessoas nativas e das que foram sequestradas na África para a exploração do trabalho e a constituição de um novo padrão global de controle do trabalho como afirma Quijano:

Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. Esse eixo tem, portanto, origem e caráter colonial, mas provou ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecida. Implica, conseqüentemente, num elemento

de colonialidade no padrão de poder hoje hegemônico (QUIJANO, 2005, p. 117).

Os elementos da colonialidade se dão nos padrões de poder hegemônico até os dias de hoje. Relações de dominação que a conquista exigia, “na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista” (QUIJANO, 2005, p.118.). A colonização gerou novas relações sociais em que a raça e a identidade racial tornaram-se elementos de classificação da população.

Munanga (2003), afirma que a raça para o racista se desdobra na concepção que alguns grupos sociais e suas expressões culturais, linguísticas, religiosas, etc., são consideradas inferiores ao grupo ao qual ele pertence. Observamos como apontado, que o conceito de raça que possuímos hoje não é algo científico, mas uma construção ideológica. “Podemos observar que o conceito de raça tal qual como empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa proclamada: a relação de poder e de dominação”. (MUNANGA, 2003, p.5).

O projeto de sociedade que visa primordialmente o lucro em detrimento das relações humanas alterou a forma que nos relacionamos com o mundo. Ele subjuga os corpos negros colocando-os em lugar de subalternidade, em detrimento de mão de obra forçada e barata. O caráter utilitarista, mercadológico, institucionalizado, baseado na exploração humana, que constitui o sistema capitalista, evidencia os processos de dominação que nos perpassam.

Antes da saída dos povos ibéricos em busca de novas terras, com seu caráter ‘civilizatório’, as concepções sobre o mundo na Europa se limitavam a ela mesma e ao norte do continente Africano, desconsiderando outras civilizações e culturas, subestimando a organização social e política dos Povos Africanos. Hamenoo (2008), afirma que, diversos impérios compunham a África ao sul do Saara, estados autônomos que atingiram altos níveis de organização social e econômica anterior a chegada dos portugueses em 1415, em Marrocos. A estrutura política nativa dos povos africanos se conectava em torno de instituições sagradas da família. Conexões eram realizadas através do casamento, ligando-os por uma série de alianças (consciência comum da identidade cultural).

[...]antes do advento do islamismo e do catolicismo, os africanos possuíam uma ideia altamente sofisticada de um Deus maior, criador, distante do homem, além de sua compreensão e controle - Olorum entre os ioruba, Onyankopon entre os amante ou Matutino entre os ewe. Para eles, Deus é dotado de alguns aspectos iminentes e outros visíveis, manifestando sua

onipotência e presença mediante os objetos ou seres com os quais as pessoas têm contato diário, como a terra, as florestas, e os rios de onde colhemos o sustento. O homem vive, assim, em harmonia com a natureza. [...] Na tradição religiosa africana, há também os ancestrais que atingiram a divindade plena ou parcial, heróis míticos que conduziram seu povo na chegada a seus atuais territórios ou fundaram suas sociedades. Ao passar para outro mundo, esses mortais assume uma nova identidade: ficam ligados ao Deus criador na qualidade de divindades. Os sacerdotes e anciãos da linhagem ou do clã são responsáveis pelo bem-estar dos membros de um agrupamento social (HAMENOO, 2008, p.114).

Hamenoo (2008) segue comentando como dois eventos alteraram de forma radical a história africana, o bloqueio do império islâmico e a 'descoberta' das Américas. Os Portugueses não teriam condições de fundar e consolidar o Brasil sem o ouro extraído da África Ocidental, nem o trabalho forçado dos corpos negros que foram sequestrados para o território brasileiro. Após desarmar as populações ameríndias "em seguida, negros africanos foram transformados em instantâneos bens de capital para exportação ao novo mundo" (HAMENOO, p.117).

Durante estes processos, comunidades inteiras desapareceram, africanos eram obrigados realizar uma longa viagem em condições desumanas.

A violência e a destruição perpetradas pelos europeus, com seu comércio nefasto, faziam que as comunidades africanas se confrontarem em guerras que minavam os valores essenciais das sociedades africanas. Grupos estáveis fugiam de suas cidades, deixando para trás suas atividades agrícolas e comerciais, para procurar abrigo seguro onde quer que pudessem encontrá-lo. Tornavam-se assim refugiados em seu próprio país (HAMENOO, 2008, p.119).

O fenômeno esse, conhecido como Diáspora Africana, processo que não apenas sequestrou uma parte da população em África, mas que os levou como escravos para diversas partes do mundo, alterou drasticamente a dinâmica de diversos povos e comunidades que permaneceram lá.

O Brasil possui em seu território a segunda maior população de pessoas negras do mundo, pessoas essas que descendem de povos escravizados:

[...] foram embarcados 45% da estimativa total dessa população cerca de 6.300.000 africanos. O número é referente apenas às pessoas que embarcaram nos navios do tráfico para o Brasil porque, dadas as condições subumanas sanitárias, de fome e violência as quais homens, mulheres e crianças eram forçados, o número daqueles que sobreviveram a travessia do

atlântico é menor, mas igualmente assustadores - 4.864.374, ao longo de mais de 300 anos (BARROS, PEQUENO e PEDERIVA, 2019, p. 45).

Como o sistema-mundo capitalista/moderno/colonizador, nos fragmentou a tal ponto que nos desvinculamos de nossas histórias e nossas raízes? Como afirma Filice (2011), “no contexto capitalista brasileiro, torna-se necessário compreender em que medida a valorização das diferenças de classe contrapõem-se ao reconhecimento do preconceito e da discriminação racial” (FILICE, 2011, p. 30).

Por muito tempo, não se reconhecia a existência do racismo no Brasil. Foi disseminado que em nosso território que os diversos grupos étnicos que há compõem viviam em harmonia e que aqui havia uma ‘democracia racial’, em contraponto a esta ideia Munanga (2003) afirma:

No Brasil o mito da democracia racial bloqueou durante muitos anos o debate nacional sobre as políticas de ‘ação afirmativa’ e paralelamente o mito de sincretismo cultural ou da cultura mestiça(nacional) atrasou também a implementação do multiculturalismo no sistema educacional brasileiro (MUNANGA, 2003, p. 11).

O mito da democracia racial dificultou a compreensão histórica e o processo de tomada de consciência sobre o próprio país. Algumas culturas se posicionaram como resistência a esse processo de dominação como ressalta Munanga (2003),

Têm-se culturas particulares que escapam da cultura globalizada e se posicionam até como resistência ao processo de globalização. Essas culturas particulares se constroem diversamente tanto no conjunto da população negra como no da população branca e oriental. É a partir da tomada de consciência dessas culturas de resistência que se constroem as identidades culturais enquanto processos e jamais produtos acabados. São essas identidades plurais que evocam as calorosas discussões sobre a identidade nacional e a introdução do multiculturalismo numa educação-cidadã, etc. Olhando a distribuição geográfica do Brasil e sua realidade etnográfica, percebe-se que não existe uma única cultura branca e uma única cultura negra e que regionalmente podemos distinguir diversas culturas no Brasil(MUNANGA, 2003, p. 13).

No caso brasileiro vieram pessoas escravizadas oriundas de diversas partes do continente Africano, com diversas línguas e cultura como afirma Theodoro (2005), existem 3 grupos étnicos principais que foram trazidos:

- os nagos - provenientes da Nigéria, do Benin e do Togo, de língua Iorubá

- os fon ou minas - provenientes do antigo Daomé, atual Benin, de língua jeje
- os bantos - provenientes de vários países - Angola, Congo, Moçambique, Zimbábue e etc. - de língua banta (THEODORO, 2005, p. 84).

Povos esses que influenciaram a formação social do país, a despeito das tentativas de desapropriá-los de suas culturas, tradições e conhecimentos Caputo (2012), apresenta a seguinte narrativa ao falar da árvore do esquecimento.

Em Wuidá, onde ficava um dos grandes portos de embarque de escravos, na África, os negros escravizados percorriam um caminho de cinco quilômetros da cidade até o porto. Neste percurso, todo escravo que ia embarcar era obrigado a dar voltas em torno de uma árvore, a árvore do esquecimento. Em depoimento de um dos líderes nagô naquela região ouvimos o seguinte: “Brasil! Brasil! Os escravos destinados às Américas eram trocados por bugigangas! Os escravos homens davam nove voltas em torno da árvore e as escravas, sete. Depois disso, supunha-se que os escravos perdiam a memória. Esquecem seu passado, suas origens, sua identidade cultural, para se tornarem seres sem nenhuma vontade de reagir ou rebelar. Que aberração! que contradição! Na história humana alguém já viu um nagô esquecer sua origem? Sua identidade Cultural? Se ela está tão marcada em seu rosto e tão incrustada em seu coração? (CAPUTO, 2012, p. 45).

Esses negros e negras que foram sequestrados de suas terras, como afirma Caputo (2012), trouxeram consigo suas tradições, recriando-as no mundo inclusive no Brasil. Tradições estas que não são o acúmulo de conhecimento de uma comunidade, como afirmam Barros, Pequeno e Pederiva (2019), mas os processos de transmissão de saberes, aquilo que dá sentido para a vida, um conhecimento que integra o passado e a identidade futura que foge das imposições culturais colonizadoras e não permite a perda da historicidade.

Falar de uma tradição não é a mesma coisa que expor sobre o acúmulo histórico de uma determinada comunidade, ou seja, uma tradição não é o catálogo do montante de um conhecimento. As tradições são processo de transmissão de saberes de geração em geração, que diz respeito à ancestralidade e espiritualidade, fazendo sentido na constituição da comunidade e ao mesmo tempo na constituição da pessoa, um fio identitário ancestral (BARROS, PEQUENO e PEDERIVA, 2019, p. 49).

Transmissão essa de saberes e tradições que se constitui na oralidade, como ressaltado por esses autores. A tradição oral não é uma parte negativa da cultura escrita, mas uma lógica própria de transmissão de saberes, desenvolvimento este que se deu de forma evidente pela espiritualidade.

Em muitas partes da África, a Arte é inseparável da vida por uma associação como sagrado. Os mitos da criação contam que um criador criou as pessoas e depois colocou a alma nelas, o que se revela pela palavra. Desta forma, a palavra negro-africana tem um sentido abrangente: faz história, sendo elemento constitutivo da identidade profunda da comunidade, sendo uma arte (THEODORO, 2005, p.85).

Tradições estas que se fundam em uma cosmovisão específica, como afirma Moura (1992), que “o negro não apenas povoou o Brasil e deu-lhe prosperidade econômica através do seu trabalho. Trouxe também, as suas culturas que deram o Ethos fundamental da cultura brasileira” (MOURA, 1992, p.33) incorporando seus modos de vida - indumentária, cozinha, música, sistemas de manifestações sociais. Perpassando assim a religiosidade africana, que em cada região do país esses encontros ganham nomes e características distintas. Como afirma Prandi (2000), na Bahia denomina-se candomblé, em Pernambuco e Alagoas, xangô, no Maranhão, tambor-de-mina e no Rio Grande do Sul, batuque, inicialmente organizados por grupos de nações do candomblé.

[...]e em cada uma delas a nação africana que a identifica é responsável pela maioria dos seus elementos, embora haja grande troca de elementos entre elas, resultado dos contatos entre nações no Brasil e mesmo anteriormente na África. Na Bahia surgiram os candomblés ketu e ijexá e mais recentemente o efã, todos de origem acentuadamente nagô ou iorubá, além de um candomblé de culto aos ancestrais, o candomblé de egungum. Também da Bahia é o candomblé jeje ou jeje-mahi, enquanto no Maranhão o tambor denominado mina-jeje dependeu mais de tradições dos jejes daomeanos, ali também se criando uma denominação mina-nagô. Em Pernambuco sobreviveu a recriação da nação egbá, também chamada nagô, e no Rio Grande do Sul, as nações iorubanas oyó e ijexá. Em Alagoas criou-se um culto de nação xambá, igualmente nagô, hoje praticamente extinta (PRANDI, 2000, p.60).

As religiosidades de matriz afro-brasileira se desenvolvem em diversas partes do país, é importante ressaltar como afirma Caputo (2012), que as religiões africanas são a base para pensarmos como as religiões afro-brasileiras se desenvolvem no Brasil, apesar da influência de outras religiões existentes e as influências contextuais (a escravidão, a proibição da prática de religiões africanas, a falta de pessoas iniciadas/formadas, entre outros). Havendo um paralelismo desde o princípio entre os *Òrìsà* e o catolicismo, religião dominante.

O esforço de exotização das religiosidades afro brasileiras se deu em decorrência do monopólio da Igreja Católica, como afirma Moura (1992).

Daí porque a Igreja Católica procurou, através daquilo que foi chamado posteriormente de sincretismo, penetrar e desarticular o mundo religioso do

africano escravizado, usando o método catequista, batizando-o coercitivamente, num trabalho de cristianização, que nada mais era do que tentativas, vias estruturais de poder, de monopolizar o sagrado e influir poderosamente no plano social e político (MOURA, 1992, p.34).

Ocorre, assim, uma subalternização do mundo cultural africano e dos seus descendentes. A dominação cultural foi acompanhada por uma dominação econômica. As culturas negras utilizaram-se de diversas estratégias para resistir e preservar seus valores culturais em um contexto escravista. “Isto não quer dizer que se considerassem puros, pois sofrem a influência aculturação (isto é, branqueamento) do aparelho ideológico dominante” (MOURA, 1992, p.38).

É importante ressaltar que os contextos em que a religião se constitui alteram as dinâmicas de espaços urbanos (influenciados) e rurais (tradicionais). No caso da região sudeste o contexto era mais urbano tendo nas cidades a busca por um embranquecimento das tradições negras.

A Umbanda se forma no sudeste brasileiro, em um contexto urbano, no século XX, apresentando em sua base religiosa elementos do candomblé da Bahia, que chegou ao Rio de Janeiro no final do século XIX, com o espiritismo Kardecista, que chegou no Brasil no mesmo período, como afirma Prandi (2004).

No início do século XX, enquanto os cultos africanos tradicionais eram preservados em seus nascedouros brasileiros, uma nova religião se formava no Rio de Janeiro, a umbanda, síntese dos antigos candomblés banto e de caboclo transplantados da Bahia para o Rio de Janeiro, na passagem do século XIX para o XX, com o espiritismo kardecista, chegado da França no final do século XIX. Rapidamente disseminada por todo o Brasil, a umbanda prometia ser a única grande religião afro-brasileira destinada a se impor como universal e presente em todo o País (Camargo, 1961). E de fato não tardou a se espalhar também por países do Cone Sul e depois mais além (Oro, 1993). Chamada de “a religião brasileira” por excelência, a umbanda juntou o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra, e símbolos, espíritos e rituais de referência indígena, inspirando-se, assim, nas três fontes básicas do Brasil mestiço. (PRANDI, 2004, p, 223)

Assim, é necessário observar as diversas formas que nossas visões de mundo que são entrelaçadas pela colonização, e como isso impacta os processos educativos:

A Educação hoje, no Brasil, encontra-se voltada, enquanto campo de estudos e pesquisas, quase que exclusivamente para discussões a respeito do que dentro da escola, ou para a escola. Esse comportamento pode ser compreendido como uma das consequências do processo de escolarização ao qual a nossa sociedade foi submetido. Alimentando essa lógica, os

estudantes de graduação do curso de pedagogia, aprendem a compreender a Educação, como campo fechado e que não reconhece a multiplicidade de processos educativos e saberes que não fazem parte do currículo escolar (BARROS, PEQUENO e PEDERIVA, 2019, p. 26).

Neste capítulo busquei desdobrar os processos de racialização das populações negras assim como sua constituição histórico-social no Brasil, inseridas no processo de dominação e racialização colonial. Elas resistiram por meio da transmissão de saberes provenientes da tradição oral, que neste trabalho, compreendemos também como Educação. Compreende-se, que Educação não é sinônimo de escola, mas, que é um processo educativo que se dá na vida, conceitos que serão explorados na próxima parte.

2. EDUCAÇÃO NÃO É SINÔNIMO DE ESCOLA: A VIDA COMO PROCESSO EDUCATIVO

2.1 Escola. Educação e Vida

As instituições, em uma concepção ocidental, têm estado no cerne de como nos relacionamos com o mundo. Illich (1985) afirma que temos confundido processo com substância. Institucionalizamos valores e transformamos nossas necessidades básicas em demanda por mercadoria. Somos uma sociedade escolarizada, e esse processo de escolarização tem algumas implicações “não apenas a educação, mas também a própria realidade social tornou-se escolarizada” (ILLICH, 1985, p.17).

Para Illich, o sistema escolar desempenha uma tríplice função, ela é,

Simultaneamente o repositório do mito da sociedade; a institucionalização das contradições desse mito; o lugar, o rito que reproduz e envolve as disparidades entre mito e realidade (ILLICH, 1985, p.51).

Almeida (2017), também afirma que a escola “é uma estrutura simbólica globalizada de disseminação de conhecimentos e um dos principais instrumentos de disseminação da cultura vigente nos meios sociais” (ALMEIDA, 2017, p.30).

Reconhecemos socialmente, a escola como a instituição especializada em educação e como segue afirmando Illich (1985), a escolarização cria alguns mitos: o mito dos valores institucionalizados, mito da mensuração de valores, mito dos valores empacotados e mito do processo autoperpetuável. A escolarização cria demandas em nossa sociedade por acreditar-se que o processo escolar cria inevitavelmente algo de valor. “Os valores institucionalizados que a escola inculca são valores quantificáveis” (ILLICH, 1985, p. 53) passa-se a ter a ideia que tudo pode ser medido e quantificado, inclusive a imaginação e o próprio homem. Criamos currículos que empacotam nossos valores, E “a escola força o aluno ao nível de consumo curricular competitivo e a prosseguir para níveis sempre mais elevados” (ILLICH, 1985, p. 55). A escolaridade não promove nem a aprendizagem e nem a justiça, porque os educadores insistem em embrulhar a instrução com diplomas. Mistura-se, na escola, aprendizagem e atribuição de funções sociais. (ILLICH, 1985, p.26)

A escola tem ocupado um espaço complexo em nossa sociedade, pois, ao mesmo tempo que mantém uma visão distante da realidade material de muitos que a frequentam, ela também se configura enquanto um espaço de violência para diversos grupos que frequentam o espaço indígenas, mulheres, negros, LGBTQI+ e entre outros. Violências estas que são degradantes para a condição humana, estruturam não apenas na escola mas na sociedade, cristalizando-se em um ideário coletivo como aponta Almeida (2017)

A realidade de violências das mais expressas, praticamente, em todos os espaços, no âmbito das relações humanas - individual e coletiva- , se caracteriza numa evidente crise de valores, que representa um dos maiores desafios a ser enfrentado pela sociedade na atualidade (ALMEIDA, 2017, p.24)

Alves (2014) afirma que “a escolarização se realiza a custas de uma série de perdas impostas às crianças para que, no vazio que elas deixam, se coloque a ser do adulto” (Alves, p.40, 2014). A partir disso reafirmo que não apenas a escola é uma reprodutora do mito da sociedade, mas também uma sua criadora tendo em seu cerne valores que nos esvaziam de conexões com a vida, nos individualizam, nos padronizam, e fragmento.

Como afirma Illich (1985), não apenas nossa sociedade ocidental é escolarizada mas nossa mentalidade também o é. Havendo, assim, instituições para a cultura, a educação, a saúde fragmentando a experiência humana.

Na sociedade escolarizada(ILICH, 1985), cultura e educação possuem lugares e momentos diferentes e determinados para serem experienciados. Existe lugar específico para aprender, notadamente o espaço escolar; e existem lugares específicos para se apreciar e conhecer cultura, como museus, teatros, exposições e auditórios. (BARROS, PEQUENO, PEDERIVA, 2019, p.33)

A partir do exposto acima, questiono afinal, o que seria a educação? Entendo que se trata de m processo fragmentado de reprodução social, baseado em relações escolarizadas, pois a fragmentação de nossas relações com o mundo acontecem de forma a esvaziar nossas conexões com o mundo material que nos cerca, o a aprender se esvazia e se distancia da vida, das inter-relações que constituímos.

[...] não visa mais a introduzir o jovem no mundo como um todo, mas sim em um segmento limitado e particular dele. Não se pode educar sem ao mesmo tempo ensinar; uma educação sem aprendizagem é vazia e portanto degenera, com muita facilidade, em retórica moral e emocional. [...] A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDDT, apud ALMEIDA,2017, p.28-9)

A partir disso, penso que a educação não seja apenas isso, uma reprodutora de mitos e ritos, mas algo que se alicerça na vida. A educação é aquilo que nos constitui humanos, Mézaros (2008), ao abordar a perspectiva de Gramsci, afirma que todo ser humano contribuiu para uma formação de concepção de mundo predominante e a contribuição pode cair na categoria de mudança ou manutenção e podem ocorrer simultaneamente.

Na Perspectiva histórico-cultural, não é possível distanciar a pessoa do mundo, das relações materiais, da historicidade e hábitos culturais que a constitui. Uma educação, assim ,não teria fim, mas seria um processo contínuo de apropriação de culturas constituídas historicamente como afirmam Barros, Pequeno e Pederiva (2019).

Em suma, só a vida educa e, quanto mais amplamente a vida penetrar na escola, tanto mais forte e dinâmico será o processo educativo. O maior pecado da escola foi se fechar e se isolar da vida mediante uma alta cerca. A educação é inconcebível a margem da vida como a combustão sem oxigênio ou a respiração no vácuo. Por isso , o trabalho educativo do pedagogo deve estar sempre vinculado a seu trabalho social, criativo e relacionado a vida. (VIGOTSKI, 2003, p.300-1)

A educação nos constitui enquanto humanos, constitui-se nas inter-relações que construímos com nossa historicidade, com a cultura, as linguagens, as pessoas. Por vezes de forma espontânea e outras orientada. “O caráter criativo o processo pedagógico emerge claramente. Assim é possível compreender a natureza criativa do processo educativo orientado, não no mero cultivo dos dons naturais, mas a criação de uma vida humana” (VIGOTSKI, 2003, p.301-2)

Ressalto que não há então forma ou instituição única de educação, mas processos que se constitui histórico-culturalmente. No caso brasileiro, ao abordarmos os processos de colonização e desvalorização dos saberes dos povos africanos e originários, desconsideramos outras formas de educação. Se a educação se dá na vida as formas de aprender são diversas, assim como a vida o é, ao abordarmos uma educação brasileira é fundamental falarmos sobre a oralidade, pois, como afirmado no capítulo anterior, os povos africanos que foram trazidos para o território brasileiro, tinham em sua base a oralidade, uma tradição viva

2.1 Educação e a Oralidade

Em nossa sociedade ocidental valorizamos a transmissão de saberes através da cultura escrita como aquela capaz de registrar e resguardar a memória.

a educação como totalidade do processo de constituição humana na cultura. (...) a educação transcende a escola e os espaços institucionalizados para uma formação humana voltada a atender a lógica hegemônica. Vigotski entende a vida como o próprio campo educativo, na medida em que o ser humano, emergido da cultura, constitui-se nas experiências vividas e acumuladas individual e social e historicamente.(BARROS, PEQUENO, PEDERIVA, 2019, p.79)

Como se nos processos da tradição oral não estivessem presentes também a memória de povos. Assim, é necessário observar as diversas formas que nossas visões de mundo são entrelaçadas pela colonização, e como isso impacta os processos educativos:

A negação das nossas raízes africanas e do racismo, incluindo o modelo de educação institucionalizado, escolarizado, e de base eurocêntrica, é uma prática que desumaniza nossa população, enquanto sociedade e indivíduos constituídos por nela e por ela, pois dificulta a compreensão da nossa própria historicidade. (...) Cada modelo de sociedade educa para uma constituição humana, sendo assim, essa promove ainda o desenvolvimento de mentalidade colonizadas, racializadas (BARROS, PEQUENO e PEDERIVA, p.47, 2019)

Considero que em uma concepção de Educação que se desenvolve na vida, os processos educativos se dão também oralidade. Apesar da ideia comum que ao abordarmos a tradição oral falamos da contação de histórias, as dinâmicas e a um universo ela é um processo complexo como afirmado por Barros, Pequeno e Pederiva(2019)

contudo a tradição oral é recorrentemente identificada, pela produção acadêmica, como uma prática reduzida ao ato de contar histórias, ou ainda foi apropriado pelo campo da educação e formatada pelos moldes da escolarização como uma “dinâmica” pertencente ao “lúdico”, com cursos de formação específico. Entretanto a oralidade, ou a tradição oral, é uma prática complexa, com preceitos e rituais específicos ((BARROS, PEQUENO , PEDERIVA, 2019, p.40)

Considerando que o Brasil, a despeito das tentativas de esquecimento, é um país que se baseia na oralidade, tanto os povos originários quando os povos sequestrados para esse território tem em sua base outras constituições de mundo, que perpassam pela fala. A fala é uma ferramenta de humanização.

a tradição oral é um processo pelo qual acontece um país o constituir-se humano, identitário, comunitário e coletivo. São processos educativos que garante, pelo movimento dialético entre resistência e transformação a permanência de valores ancestrais (BARROS, PEQUENO , PEDERIVA, 2019, p.38-39)

Acerca da tradição oral africana Hampaté Bá (2010) a afirma:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela relaciona relaciona e recupera todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não descortinam o segredo é desconversar a mentalidade cartesiana cacos tomada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade o espiritual espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhe de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião conhecimento, ciência natural, iniciação a arte, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite retornar a unidade primordial. (HAMPATE BÁ, 2010, p. 169)

Ressaltando assim que quando falamos de uma tradição oral nos referimos a uma totalidade da pessoa que possui uma ideia de humanidade, de um lugar e seu papel no universo. Este papel se relaciona com a fala que nos localiza no mundo em nossos processos de existência no mundo e de reconhecimento do outro.

3. VIVÊNCIAS DO TERREIRO - PELAS LENTES DAS CRIANÇAS

3.1 Metodologia

Este capítulo se destina a apresentar o terreiro como espaço educativo, assim como a base metodológica da pesquisa, a vivência. Buscou-se identificar, através das produções fotográficas, o que as crianças que frequentam a Tenda Espírita São Jerônimo, no Núcleo Bandeirante, aprendem nesse espaço.

Como afirma Vigotski (2018) o método é o caminho, um procedimento e este depende do objeto a ser estudado.

No sentido metafórico, entende-se por método de investigação ou de estudo de uma parte definida da realidade; é o caminho do conhecimento que conduz a compreensão de regularidades científicas em algum campo. (VIGOTSKI, 2018, p.37)

O objeto deste trabalho é o que as crianças aprendem no terreiro, entendendo-se, como explicitado anteriormente os processos educativos como vida. A metodologia deste trabalho se relaciona com a vivência e o sentimento social das crianças que frequentam este espaço

a vida vai se revelando como um sistema de criação, de permanente tensão e superação, de uma constante combinação e criação de novas formas de comportamento. assim, cada ideia nossa, cada um dos nossos movimentos e vivências constituem a aspiração a criar uma nova realidade (Vigotski,2003, p.303)

A vivência é a menor unidade indivíduo e meio. Busca-se compreender como cada criança que frequenta o terreiro “toma consciência, atribui sentido e se relaciona afetivamente com um determinado acontecimento” (VIGOTSKI, 2018, p. 77). Cada uma delas se relaciona com o meio de forma diferente, cada criança vivencia de forma distinta.

A vivência é uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia - a vivência esta sempre relacionada a algo que está fora da pessoa-, e por outro lado, como eu vivencio isso. Ou seja, as especificidades da personalidade e do meio estão representadas na vivência: o que foi selecionado do meio, os momentos que tem relação com determinada personalidade e foram selecionados desta, os traços do caráter, os traços constitutivos que tem relação com certo acontecimento. Dessa forma, sempre lidamos com uma unidade indivisível da personalidade e das

particularidades da situação que está representada na vivência (VIGOTSKI, 2018, p. 78)

A pesquisa foi realizada em um terreiro de umbanda, uso este termo pois os próprios participantes do local o fazem. A Tenda Espírita São Jerônimo, localizada no Núcleo Bandeirante cidade do Distrito Federal, foi fundado em 13 de junho de 1963 por Samuel José Pereira Neto. Atualmente a casa é regida pela Dona Dalva, que atua na casa como líder espiritual a cerca de 20 anos.

O espaço possui por cerca de 25 membros que realizam o trabalho interno da casa, assim como atendimentos e organização do espaço. Ele é habitualmente frequentado por poucas crianças, que variam com muita frequência a depender das famílias que vão ao local. Quatro delas têm uma participação mais ativa. Elas são filhas e filhos de membros da casa, se relacionando com maior regularidade e demonstram interesses pelas dinâmicas do espaço.



Figura 2 - Crianças comendo bolo durante a Festa de Erê em 2016.
Foto: Myke Sena

conversa prévia com as crianças, o que não ocorreu pois faltavam autorizações de alguns pais, e com o desenrolar acabei só explicando para pais e crianças a ideia geral do projeto. O que foi bom para a pesquisa, pois, consegui observá-los com maior atenção. Por conta da Festa de Erê, festividades das crianças, a assistência (local que ficam os bancos e as pessoas que vão para serem atendidas) estava cheia de famílias e crianças.

No momento inicial, apenas observei as relações entre as crianças, neste dia haviam 7 crianças dentro do terreiro e outras na assistência, o foco do trabalho era observar as crianças que se encontravam mais próximas da gira. Foram realizadas também conversas informais com os membros da casa.

No dia 12 de outubro, dia em que no terreiro as crianças também são celebradas. Foram realizados os registros fotográficos por duas das crianças, S (8) e J (5), que haviam

O desenvolvimento da pesquisa se deu em dois momentos, um inicial de observação das crianças durante a Festa de Erê, entidades crianças que trabalham no local.

No dia 28 de setembro, Festa de Erê estava atenta para as crianças presentes. Cheguei no local por volta das 16h, a Festa de Erê começava às 17h, o intuito inicial era ter uma

participado da festividade anterior. As crianças em questão, frequentam a casa desde muito novas, pois são filhas de uma das netas da regente espiritual. São crianças que possuem intimidade e uma relação afetiva comigo, pois são minhas sobrinhas.

As crianças que frequentam a Tenda Espírita São Jerônimo foram convidadas para através da fotografia, a expressarem suas aprendizagens e vivências naquele espaço como afirma Vigotski(2003) “ a vida do homem se transformará em uma criação ininterrupta, em um ritual estético”(VIGOTSKI, 2003, p.304) .

A criação é uma atividade humana que se relaciona com a realidade e os sentimentos humanos. A imaginação é a base de toda atividade de criação seja ela de reconstrução/reprodução ou criação/cominação. Manifestando-se em todos os campos da vida cultural.

Pensar a fotografia enquanto processo de criação, a despeito uma ideia comum de que ela ‘capta’ a realidade, que seria um documento, é uma ilusão. A foto passa pelo olhar e a vivência de quem fotografa. É uma das linguagens artísticas com nossos sentimentos sociais e percepções sobre o mundo. É importante relacionar que a criação se dá em relação à realidade não apenas através da combinação de elementos, mas pela experiência social e pessoal.

Se a vida ao seu redor não o coloca diante de desafios, se as suas reações comuns e hereditárias estão em equilíbrio como mundo circundante, então, não haverá qualquer base para a emergência de criação. O ser completamente adaptado ao mundo nada desejaria, não teria qualquer anseio e, é claro, nada poderia criar. Por isso, na base da criação há sempre a inadaptação da qual surgem necessidades, anseios e desejos (VIGOTSKI, 2018, p.42)

A imagem como como é ressaltada por Nunes (2011), não é autônoma mas um jogo de sentidos com diversas significações que estão presentes no seio da sociedade, a cultura seria então o espírito criador da imagem. Através da fotografia é possível captarmos ocorrências que passam despercebidas no momento da ação.

Utilizo a fotografia enquanto dispositivo metodológico, pois compreendo assim como Vigotski (2003) que “o processo pedagógico é a vida social ativa, é a troca de vivências compatíveis” (VIGOTSKI, 2003, p.303). as crianças que frequentam o espaço foram indagadas a falar das suas vivências na Tenda Espírita São Jerônimo foi através da fotografia.

3.2 Observações

D. Dalva inicia as atividades discursando sobre as responsabilidades com os orixás, neste momento as crianças sentadas em um banco oscilam entre escutar o que ela diz e brincar entre si. Estão sentadas 5 crianças J (13), S (8), R(11), Rh (9) e V(14). Um dos assuntos das crianças é comer doce, algumas estavam animadas que comeriam muitos, R responde que não é pra eles aquele doce, mas, para os Erês.

O atabaque começa a tocar algumas crianças, Rh, S e R, começam a cantar junto e bater palma. Logo em seguida uma música para Exú começa, abrindo os trabalhos da casa, neste momento R avisa para as outras crianças que o rodeiam que eles devem olhar de costas para o Congá, todas o escutam. Ao tocar “ai deus do céu” as crianças, Rh e R, acompanham os médiuns ao se ajoelharem na areia. Enquanto isso J e S, brincam o chefe dos Ogãs chama sua atenção.

À medida que as músicas vão seguindo as crianças oscilam entre observar os movimentos de mãos e ir imitando. Nestes momentos, fica evidente, que as crianças presentes no espaço estão atentas aos acontecimentos que a rodeiam, e buscam através da imitação dos gestos a apropriação dos símbolos e sentidos. Elemento este que também é evidenciado nas fotografias realizadas posteriormente.

Ao tocar uma música para Ogum, S e R observam com atenção as pessoas no atabaque e sua movimentação de mãos, as imitando em suas pernas. Ao tocar uma música para Odojá (Iemanjá) R canta junto e segue imitando o tambor, as entidades chegam em terra, neste momento Rh também imita os movimentos do tambor a medida que estes ficam mais intensos, momento este em que J(5) se junta a eles no sofá. Uma das crianças recebe o *asé* da entidade enquanto as outras seguem com as palmas no ritmo do tambor. À medida que as entidades chegam as crianças passam a oscilar entre brincar entre si e ficar atentas às músicas, letras e gestos. Alguns médiuns pedem para que parem de brincar ou as crianças para que parem de imitar.

Há alguns momento entre o brincar e o imitar, que as crianças passam a dialogar sobre os termos que aparecem nas músicas, demonstrando consciência acerca dos processos que estão sendo desenvolvidos naquele espaço. Dialogam dos porque que ao dançarem para



Yansã, Oyá, as mãos estão erguidas para os céus, e ao tocarem para Nanã os gestos são diferentes.

Quando a Entidade Oshun chega em terra R explica as outras crianças o porque ela chora, afirmando que ela se emociona mundo e por isso sempre chora neste momento um dos membros da casa convida as crianças para receber o asé da entidade. S fica receosa, pois não queria molhar o cabelo, mas vai junto com os demais. Após terem molhado os cabelos a seus lugares.

R ao retornar senta de cabeça baixa, coloca as mãos no rosto e fica

assim por alguns segundos ao retornar afirma “quase que eu choro”.

Após Oshun distribuir seu asé pelo terreiro, se direciona aos fundos onde se encontram XXX dos santos. Ao se direcionar ao espaço convida J para lhe acompanhar, ela levanta-se e vai junto. As demais crianças observam a movimentação e nos instantes seguintes oscilam em observar o que ocorre e olhar para onde a J foi levada.

O cheiro de refrigerante, guaraná, começa a emanar pelo espaço e se escuta de longe o barulho de uma sanfona, vem vindo a Entidade Crispim retorna cheia de sacos e com a J. Cumprimenta as crianças. Perguntam a J onde ela foi ela responde “lugar nenhum”.

Neste momento, Crispin abre o refrigerante e começa a jogar sobre todos, algumas crianças aparentam surpresa como ocorrido, Rafael abre os braços para receber o banho, logo em seguida a cabeça de todos é molhada. O ritmo do tambor fica mais acelerado e as crianças começam a dançar. Algumas entidades presentes, Rosinha, por exemplo cumprimenta as crianças. Eles riem quando uma as entidades Doum joga uma casca de banana em um deles. A partir deste momento, as crianças oscilam entre momentos de brincadeiras, com as entidades, entre si e ir a mesa de doces.



Figura 4 - Membro da casa segura copo com água pra a entidade Oshun durante a Festa de Erê em 2017. Foto: Marcela Villa.



Figura 5 - Crianças interagem com a Entidade Doum durante Festa de Erê em 2017. Foto: Marcela Villa

Elas começam a comentar a interação e riem, quando questiono do que riem S responde “é pq tem cada bebê fazendo coisa engraçada” se referindo às pessoas incorporadas. Depois, começam a conversar sobre porque antes não podiam pegar os doces e agora podem. S afirma que é por que “agora eles estão incorporados”. Uma das crianças, R, pede atenção para escutar o atabaque pois está começando a musica “Eu quero bolo, eu quero bolo, eu quero bolo pra passar na sua cara” ao iniciar a música as crianças se animam param de conversar e vão dançar. Uma das Entidades Doum vem passar bolo no rosto deles, as crianças gargalham e seguem se lambuzando de bolo. Algumas crianças mais velhas reclamam que tem bolo no cabelo e na sobrancelha. “quem fez isso”- pergunta Crispim, apontando para as manchas de bolo.

- *foi minha tia” - responde o V*
- *Não! - afirmam Re(13) e J(ressalto que ambas são filhas da pessoa que incorporava a entidade)*
- *“Foi o menino” - Segue a J*

Eles seguem comendo o bolo quando Doum vem com as mão cheias de amora e começa a rolar no chão imitando que havia sido machucado. As crianças riem da situação. A entidade começa a jogar amora neles. Uma das médiuns vem reclamar da bagunça, Doum sai correndo e as crianças ficam chateadas que não haviam feito nada, mas levaram bronca. Logo em seguida, os médiuns incorporados começam os atendimentos enquanto as crianças

oscilam entre pegar doces, brincar ou auxiliar na organização do espaço. Por volta das 19h30 começam a subir as entidades, desincorporar. Algumas crianças retornam às bancas para observar.

Fica evidente neste momento, que as crianças que frequentam o espaço, compreendem que estão se relacionando com espíritos, com as entidades incorporadas. Não falam de seus pais, suas mães e seus tios, mas sim das entidades. Através das relações constituídas com o espaço, elas vão através das observações, da imitação, dos gestos, sons e sensações aprendendo a se relacionar com o mundo.

3.3 O Olhar das Crianças

O olhar nos direciona para aquilo que estaremos atentos. No dia 12 de outubro de 2019 por volta das 17h, S e J foram convidadas a olhar com atenção um espaço que lhes é comum, pois vivenciam ele cotidianamente. Ambas residem no mesmo local onde o terreiro ocorre. Antes do início da gira conversei com elas de forma individual e explico o que irão fotografar naquele espaço as coisas que aprendem lá, mas que antes vamos conversar.

Durante a conversa inicial trago algumas indagações com o intuito de compreender como elas percebem o aprender e onde elas percebem que aprendem. Pergunto: o que é aprender? Onde elas aprendem? Se elas aprendem no centro? e O que elas aprendem no centro?

Ao questionar com S ela logo afirma que “aprende é você saber, tipo quando você erra alguma coisa você já vai saber que está errado e já vai saber quando vai estar certo”, neste momento indagada pela resposta dela pergunto sobre quem ou o que diria que algo está errado ou certo? Ela responde: “às vezes uma pessoa, às vezes você mesma”. Quando conversei com J a resposta que tenho dela é que aprender é brincar de massinha. Neste momento me questiono sobre as dicotomias de certo e errado, bem e mal que permeiam uma visão cristã de mundo dividida em dois polos opostos. Em contraste da resposta de J, que é mais nova e ingressou no ensino escolar este ano, que compreende o brincar como aprender.

Durante a segunda pergunta Onde elas aprendem? Ambas afirmam que é na escola com S complementando que também aprende com livros e J afirma logo em seguida que não aprende nada no terreiro só na escola. Illich (1985), me vem em mente neste momento ao pensarmos em como ligamos em um imaginário social, desde muito cedo que para

aprendermos é necessária uma instituição, a escola, mas, também, me recordo do debate sobre a escrita e a oralidade e como a despeito da educação acontece na vida, pois elas conceberam em diversos momentos os processos de aprendizagem estar conectados com a escrita, como afirmou S ao falar que aprende nos livros.

Conversando com S sobre o que ela aprende no terreiro o seguinte diálogo ocorre.



Figura 6 - S tocando o atabaque durante a Festa de Erê em 2016. Foto: Myke Sena

M: O que você aprende aqui?

S: às vezes quando as pessoas não vão mais tocar ali, eu toco... tipo ninguém está mais ali mas quando tem pouca pessoa eu começo a tocar

M: tocar o que?

S: no....qual é o nome mesmo? É... No tambor.

M: você toca no tambor?

S: Sim, quando não tem ninguém.

M: você toca sempre?

S: Não

M: Tem mais alguma coisa que você aprenda aqui?

S: Não

M: E como você aprende?

S: eu os vejo tocando e tento copiar eles, mas às vezes não dá muito certo.

Assim como durante a observação S demonstra observar e imitar os movimentos durante a Festa, ela também trás em sua fala este processo. Apresentando não apenas o interesse pelo instrumento como a consciência por seu processo de aprender pela copia de movimentos.

Após a conversa inicial, foi solicitado que elas fotografassem o que aprendiam no local. Foi-lhes entregue em mãos uma câmera fotográfica Canon Rebel T6 com uma lente 18-55 mm, em um modo semiautomático, para que o flash não disparasse e que as fotos ainda sim saíssem claras. Afirimo ainda que nenhuma das fotos passou por tratamento ou edição.

A primeira a Fotografar foi a S que antes de clicar, passeou pelo espaço observando, e se questionando o que iria fotografar. Neste momento me mantenho distante para que ela sintasse a vontade para percorrer o espaço e registrar o que aprende lá. Após algum tempo percorrendo o espaço ela se aproxima e pergunta quantas fotos ela tem que tirar, não imponho limite e afirimo que registrasse o que achasse necessário. Alguns minutos depois ela retorna

afirmando que havia fotografado tudo. Com J assim que a câmera é entregue, começa a fotografar, não questiona quantas e daqui a pouco retorna afirmando que já tem tudo..

S retornou com 7 fotos que continham 5 elementos importantes para a umbanda: o atabaque, o Congá, D.Dalva (sua Bisavó), uma placa de silêncio e o Adjá. Ao conversarmos ela elenca seus porquês. J retorna com 21 fotos, que contemplam alguns dos registros de S, mas que também tem elementos novos como a entrada do espaço, as pessoas que circulam por ele, doces e a areia. Por ao compreender que aprendemos nas relações que construímos com o mundo e através dos diálogos apresento para vocês as fotos acompanhadas da conversa posterior.

As Pessoas

O espaço é frequentado por diversas pessoas, entre elas médiuns, pessoas responsáveis pelos trabalhos espirituais, e assistência, que são pessoas que frequentam com regularidade ou não as giras. Para fazer parte da assistência não é necessário ser umbandista. Em dialogo com Dona Dalva ela afirma “ todo centro é comunidade pois tem as pessoas e os trabalhos de cura” e que é um espaço para “todos que amam, acreditam e tem fé”. Ela ainda ressalta

A Espiritualidade é divina e maravilhosa. Eu não gosto que construa uma.... muita gente acha que somos deuses, acha que podemos fazer o que não pode. Não somos deuses, somos iguais a todos mas tivemos a missão de fazer o bem sem olhar a quem. Tem gente que acha que somos poderosos e engrandece o médium. (Dona Dalva, 2019)

Dona Dalva é Babalorixá do terreiro, apesar de preferir ser chamada de Zeladora do Santo. Ela frequenta o espaço desde meados da década de 1960. Está a frente do terreiro a cerca de 20 anos, quando mudou com sua família para local.



Figura 7 - Vovó Dalva por S

M: E por que você tirou essa foto?

S: A minha Avó quase ensinou tudo isso. Ela me ensinou a cantar, ela me colocou na roda quando tinha roda, tipo pra rezar. Eu acho que é um nome assim.

M: O que você aprende com a vovó?

S: Eu aprendo a dançar com ela, por que às vezes ela me chame e eu vou.



Figura 8 - Conjunto de fotos de pessoas por J

J em diversas fotos retrata pessoas que frequentam o espaço. Durante os diálogos ela expressa que gosta dessas pessoas ou que elas falam coisas engraçadas. Ao descrever a primeira foto a esquerda, afirma ter aprendido a dançar com ela.

J: *É A G*

M: *Por que você tirou uma foto da G?*

J: *Por que sim. Por que eu aprendi com ela a dançar.*

M: *A dançar? Ela te ensinou?*

J: *Sim*

Congá ou Gongá

O Congá ou Gongá é uma espécie de altar, onde ficam estatuas, pedras e objetos ritualísticos. Na Tenda Espírita São Jerônimo se encontra dividindo as assentadas, local que possui casas e quartos para casa Orixá, e a terra, o local onde os médiuns trabalham. Dona Dalva afirma que este é um espaço de *asé*, onde se firmam os anjos da guarda para aqueles

que estão presentes.



Figura 9 - Conjunto de fotos do Gongá por S

S: esta daqui não esta muito explicativa, então eu vou falar. é o mesmo que eu vou falar eu aprendi a rezar..

M: Rezar o que?

S: Rezar o que eles falam tudo

M: rezar pra quem?

S: Rezar para todo mundo que está no hospital, que está em crises.

M: e você pede pra alguém em específico, quando você reza?

S: até que minha mãe ajuda

M: sua mãe ajuda Como ela ajuda

S: tipo eu falo né algumas coisas (inaudível) ela me ajuda a falar com o certo e o errado.



Figura 10 - Conjunto de fotos do Gongá e estatuas por J

J apresenta o Gongá de diversas formas, apresentando uma visão mais geral e os diversos elementos que o compõem. Ressaltando no dialogo como compreendia cada uma das representações para J as figuras femininas (imagens da linha inferior) representadas são sereias, por conta das pedras e conchas. Na figura masculina ressalta o rosto queimado pela vela. Na representação afirma não saber quem é mas que tem flores vermelhas e gosta da frente.

O Atabaque

É um instrumento percussivo, que pode ser tocado com as mãos, nas tradições Banto, ou com baquetas, na tradição Ketu. No Brasil devido a grande influencia Banto é comum o

uso das mãos. Segundo Dona Dalva é através dos atabaque e dos pontos que os orixás são chamados. Ela segue “a segurança de uma casa, as que tocam o atabaque, é o chão e a firmeza. Os pontos, as orações feitas aos orixás” (Dona Dalva, 2019).

S e J tiraram fotos dos atabaques que tomam banho de sol e aguardando ser encourado. Desde a observação este é um elemento que S demonstra interesse, seja por imitar ou pelo desejo de tocar mesmo que escondido.



Figura 11 - Atabaque por S

M: E essa daqui?

S: Essa daí é como eu te expliquei, é onde eu aprendi a tocar. As vezes eu toco no maior, no menor e no pequenininho.

M: E o que você toca?

S: Não como eu vou te explicar, mas eu toco bem longe deles. Mas eu não consigo direito, bonito como eles conseguem tocar

M: você lembra de alguma música que você toca?

S: Não, eu acho que hoje eu vou lembrar

M: Tem alguma música que você gosta?

S: Eu gosto de qualquer uma pode ser forro , pode ser funk pode ser...

M: Das que tocam aqui?

S: Eu não sei o nome, mas eu gosto de uma muito, mas esqueci o nome

M: Se você lembrar você me avisa?

S: Sim



Figura 12 - Conjunto de fotos do atabaque por J

M: Essa daqui

J: Por que toca?

M: O que toca?

J: O tambor

M: Quem toca?

J: O Tio M, o Tio G o Tio D.

M: Eles tocam o que? Você lembra alguma música que eles tocam?

J: A do dia da criança, eita poxa.

M: E essa daqui?

J: Eu gosto de tocar

M: E você toca?

J: Não

M: Por que não?

J: Porque não, por que alguém briga.

M: Quem briga?

J: (sussurra) Tio G.

M: Ele Briga

J: (sussurra) Ele fala que ele vai brigar. Eu quero tirar foto da flor

Dança e Gestos

Durante a gira, acompanhado do atabaque e dos pontos, cada orixá possui um gesto específico, como pontuado pelas crianças anteriormente durante a observação. “Cada Orixá tem seu pé de dança quando chega na casa ele tem que ter alegria” (Dona Dalva, 2019). Este foi um dos elementos que foi apresentado pelas duas crianças, J e S, através da representação de um quadro que possui mulheres dançando.



Figura 13 - Foto de Quadro com mulheres dançando por S

S: Essa é a primeira, é que eu aprendi a dançar do jeito deles.

M: como assim?

S: Tipo eles dançam de uma forma quando a música está na forma, tipo quando tocam uma música eles danças iguais, e as vezes eu danço igual. Porque eu aprendia a dançar iguais a eles.



Figura 14 - Quadro de fotos com mulheres dançando por J

Apesar de J representar os mesmos elementos que S. Ela ressalta que seu foco são as pessoas representadas.

M: Por que você tirou essa foto?

J: Por que eu quis, por que Eu gosto desse quadro.

M: Por que?

J: Por que tem pessoas

O Adjá

É um instrumento metálico, objeto fundamental dentro da mitologia dos orixás, Segundo Barbosa (2014) o termo “vem do Iorubá aàjá, que designa espécie de chocalho ritualístico” (BARBOSA, 2014, P.441). Segundo Dona Dalva é “geralmente batido pelo dirigente da casa para puxar o guia e entidades irradiadas” (Dona Dalva, 2019)



Figura 15 - Conjunto de fotos do Adjá por S

S: Esse daí eu aprendi a tocar

M: como é o nome disso daí?

S: Não sei,

M: Aprendeu a tocar com quem?

S: as vezes quando eles tocam eu peço pra minha mão me dar um. Ai eu fico junto?

M: entendi:

chega REj: ai que susto

M: vamos pra frente um pouco, e esse outro (me referindo ao segundo adjá)

S: esse outro, eu até que peço só as vezes. Por que eu sinto que é mais legal com o outro, eu sei que é a mesma coisa. Não sei né...não dá muito.

A comida (os doces)

As comidas são oferecidas como agradecimento e reforço do *asé* para o fortalecimento das pessoas que frequentam o espaço e da comunidade. Cada Orixá ou entidade possui alimentos específicos que são preparados durante as obrigações. Ao longo do ano na Tenda Espirita São Jeronimo realiza cinco obrigações para Oshossi, Ogum, Omulu, Erê e Oshun.



Figura 16 - Conjunto de fotos da mesa e comida por J

Ao trazer a mesa J afirma em diversos momentos o seu apreço pelos doces que se encontravam expostos sob a mesa.

As Regras

No espaço existem algumas regras para a assistência, de conduta e vestimenta, não pode usar celular durante as giras, não pode ir com roupas curtas (regatas, bermudas e shorts). Dona Dalva comenta as regras para os Médiuns pede-se que cheguem de corpo limpo e mente sã, não pode arrumar confusão com os demais médiuns e assistência e não ser vaidoso, achar que é o próprio santo.



Figura 17 - Proibido o uso de celular por S

M: Por que essa foto?

S: É por que você tem que respeitar “ proibido o uso de celular quando entrar”

M: Por que é proibido celular você sabe?

S: Eu sei, é por que vai atrapalhar. Quase ninguém vai escutar tocando.

Outros



Figura 18 - Conjunto de fotos cruz, sapo e areia por J

M: E essa daqui?

J: por que eu gosto de areia, pra montar castelinho e cavar

M: E você pode montar castelinho e cavar toda hora?

J: Mais ou menos

M: E quando não pode?

J: é quando pessoa passa

M: Ai não pode?

J: (balança a cabeça negativamente) Não pode passar no meio onde as pessoas saem, se não vai e cai. Vai que um nenem cai?

M: Verdade é perigoso.

4. PERSPECTIVAS FUTURAS

Cara Leitora,

Agradeço por chegar até aqui. Escolho finalizar este exercício escrito com uma carta. Apesar de reconhecer que uma carta é pouco usual para perspectivas futuras, mas sinto que durante todo o texto busquei manter o rigor acadêmico que conhecemos bem. E este texto carecia de um toque mais pessoal para encerra-lo, afinal ao falar da Tenda Espirita São Jeronimo falo também da história da minha família, ao falar do que as crianças aprendem em um terreiro de umbanda, falo das aprendizagens e visões de mundo que entrecruzam as pessoas que me rodeiam. Então finalizo pedindo licença novamente, mas agora uma licença mais poética para infinitar este texto em um ciclo sem fim de quem vê e concebe a mudança como continuidade da vida, da educação.

O terreiro, espaço este que abriga não apenas unidade, mas sentidos e tempos outros de viver e estar no mundo. Cruza-se com a história do país e a historicidade de todos nós. Brasil, país baseado e calçado na colonização dos corpos, mentes e mundos de quem aqui habitava, como uma ideia de “civilidade” que a acompanhava.

Logica esta que raptou e racializou corpos negros para neste território trabalhar. Sorte nossa que esquecimento não é tarefa fácil, e nos meandros da vida, as formas de viver foram fazendo seu caminhos, mudando, se constituindo e resistindo a todo esforço de apagamento, de embranquecimento. Pince-lo estas questões no início deste texto em uma tentativa de compreender, da onde vem o país e onde a Umbanda se encontrava em tudo isso.

A Educação campo que se imbrica com nossa historicidade e com nossa vida. A muito cativo de uma instituição, a Escola, preso a ela e sua mentalidade foi reduzida a diplomas, currículos, faixas etárias e necessidades que não falam da vida. O folego da fala, dos gestos, da vida e da sua potencia são lembrados pela tradição oral, que conceberá a vida em sua unidade em sua potencia educativa. Faz-se necessário ampliar nosso olhar para o que chamamos de educação.

No Terreiro pude observar as crianças em sua potencialidade, de conceber e criar. Materializaram em fotos, experiências que não se acabam nelas e um dialogo não poderiam caber. A vivência dessas crianças e relações construídas com os elementos que constroem a Umbanda ficam claras em conscientes nas imagens trazidas.

Perceber que elas estão submetidos a uma educação institucional, escolarizada, que tendenciosamente não produz diálogos com a vida é corroborar com um futuro que mostra-se cada vez mais tenebroso. A vida é transição e a única continuidade que temos é a mudança, e que lutemos por ela e pelas diversas concepções de mundo que passam por ela. Peço que esta reflexão sobre o terreiro não seja um fim, mas um convite para pensar as relações, as vivências, e a oralidade enquanto educação.

Com Carinho,
Marcela Villa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S.G. **Projeto Âncora**: uma perspectiva de educação para a integralidade humana. Orientador: Patrícia Lima Martins Pederiva. - Brasília - Dissertação de Mestrado - UnB, 2017, p.242.

ALVES, Rubem. **A Pedagogia dos Caracóis**. 4ª Ed. Rio de Janeiro-RJ/Campinas-SP. Verus Editora. 2014. 97p.

BARBOSA JUNIOR, Ademir. **O livro essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014. 336 p.

BARROS, Daniela; PEQUENO, Saulo e PEDERIVA, Patrícia. **Educação na tradição oral de Matriz Africana**: A constituição humana pela transmissão oral de saberes tradicionais um estudo histórico-cultural. 1ed. Curitiba: Appris, 2019.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros** - e como a escola se relaciona com crianças de candomblé. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012. 296p.

DONA DALVA. **Comunicação pessoal**. Tenda Espirita São Jeronimo. Brasília – 2019.

FILICE, Renísia. **Raça e classe na gestão da educação básica brasileira: a cultura na implementação de políticas públicas**. Campinas,SP. Coedição Faculdade de educação na Universidade de Brasília- UnB.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 60ª Ed. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro. 2016. 288 p.

_____. "A EDUCAÇÃO é um ato político". Cadernos de Ciência, Brasília, n. 24, p.21-22, jul./ago./set. 1991.

HAMENOO, Michael. **A África na Ordem Mundial**. NASCIMENTO, Elisa Larkin(Org). A matriz africana no mundo. SANKOFA 1 Matrizes Africanas de Cultura Brasileira. São Paulo : Selo negro,2008.(p.109 - 132)

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 1985. 188p;

MÉZAROS, István. **A Educação para além do capital**. 2ª Ed. São Paulo. Boitempo, 2008.

MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro**. 2ª ed. São Paulo. Editora Ática. 1992. 85p.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida durante 3 Seminário Nacional Relações Raciais e Educação. PENESB- RJ.2003. <<Disponível em :<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>>> Visitado em 26/09/2019

NUNES, Karliana Macedo. **Laróyè, Exu: imagens e mitos do orixá mensageiro na fotografia de Mario Cravo Neto**. Salvador, EDUFBA, 2011, 152p.

PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião**. REVISTA USP, São Paulo, n.46, p. 52-65, junho/agosto 2000

_____. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso**. ESTUDOS AVANÇADOS 18 (52), 2004. p. 223 a 228.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In:A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf>> Visitado em 15/09/2019.

ROMÃO, Jeruse(Org.) **História da Educação do Negro e outras histórias.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 278p.

TENDA ESPÍRITA SÃO JERÔNIMO. **Nossa História.** << disponível em: <https://www.tesj.org.br/aumbanda/> >> acessado em 30 de out de 2019

THEODORO, Helena. **Buscando caminhos nas Tradições.** In: MUNANGA, Kabengele (Org.) Superando o Racismo na Escola. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade,2005. p.83-100

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia Pedagógica.** Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed 2003. 312p.

_____. **Criação e Imaginação na infância.** Trad. Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1ª Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2018. 128p.

_____. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia.** 1ª Ed. Rio de Janeiro. E-papers, 2018. 176p.

_____. **Arte e Vida** In: Psicologia da Arte. São Paulo. Martin Fontes. 1999. p. 303-330.

XACRIABÁ, Célia. **Comunicação pessoal.** IV Conferência Nacional de Alternativas para uma nova Educação -. Brasília. 2019.

APÊNDICE

Apêndice A – Relatório - Observação de Campo

Local: Tenda Espírita São Jerônimo - Núcleo Bandeirante

Data: 21 de setembro de 2019 - as 19h

Observação não realizada pois não ocorreu sessão aberta, devido a proximidade da Obrigação, alimentar o santo.

Local: Tenda Espírita São Jerônimo - Núcleo Bandeirante

Data: 28 de setembro de 2019 - das 17h às 20h

Hoje foi o primeiro dia que visitei a Tenda com o intuito de realizar a pesquisa. Já havia conversado previamente com a Zeladora do Espaço, Dona Dalva, e com uma das responsáveis. Cheguei no local por volta das 16h, a Festa de Erê começava às 17h, o intuito inicial era ter uma conversa prévia com as crianças, o que não ocorreu pois faltavam algumas autorizações por parte de alguns pais, e com o desenrolar acabei só explicando para pais e crianças a ideia geral do projeto. O que foi bom pois consegui observá-los um pouco. Abaixo seguem as anotações realizadas ao longo da Festa, o foco foi observar as reações e interações com o espaço e o que acontecia. Por conta da festa de erê, FESTA DAS CRIANÇAS, a assistência (local que ficam os bancos e as pessoas que vão para serem atendidas) estava cheia de famílias e crianças.

Próximo das 17h, D. Dalva inicia as atividades discursando sobre as responsabilidades com os orixás, neste momento as crianças sentadas em um banco oscilam entre escutar o que ela diz e brincar entre si. Estão sentadas 5 crianças (Ju (xx), S(8), R (xx), Rh(9) e V(14)). Um dos assuntos das crianças é comer doce, algumas estavam animadas que comeriam muitos, R responde que não é pra eles aquele doce mas para os Erês. Um sino toca do local designado aos Ogãs que fica no lado oposto ao sofá, sinalizando que vai começar, em que se encontram eles fazem silêncio. Enquanto isso as crianças conversam (não consegui escutar) e brincam com a terra. D. Dalva, segue as orientações e os Ogãs afirmam “e babá” neste momento as crianças riem e comentam o susto que levaram com aquela ação.

O atabaque começa a tocar e a música “ Cravos rosas botões de laranjeira” começa, algumas crianças (Rh, S e Rl) começam a cantar junto e bater palma. Logo em seguida uma música para exu começa, abrindo os trabalhos, neste momento R avisa para as outras crianças que o rodeiam que eles devem olhar para um determinado sentido naquele momento, todas o escutam. Ao tocar “ai deus do céu” as crianças, Rh e R, acompanham os médiuns ao se ajoelharem na areia. Enquanto isso J e S brincam o chefe dos Ogãs chama sua atenção assim como Rl, uma das crianças também o faz. Após este momento é realizada uma oração inicial e canta-se a música “rouxinol cantava”, algumas crianças imitam o movimento das mãos. J(5) chega ao espaço se direcionando a secretaria.

Ao tocar uma música para Ogum, S e R observam com atenção as pessoas no atabaque e sua movimentação de mãos (as imitando em suas pernas) ao começar a música “eu vi chover eu vi relampear” elas que seguem nesse movimento de observar e imitar aplaudem o movimento do atabaque. Ao tocar uma musica para Odoyá (Iemanjá) R canta junto e segue imitando o tambor, as entidades chegam em terra, neste momento Rh também imita os movimentos do tambor a medida que estes ficam mais intensos, momento este em que J se junta a eles no sofá. Uma das crianças recebe o *asé* da entidade enquanto as outras seguem com as palmas no ritmo do tambor.

Quando a música para nanã toca, J assiste atenta, as demais crianças conversam sobre outros assuntos. Neste momento é solicitado que parem de brincar. S começa então a imitar as movimentações dos médiuns com os dedos, ao mesmo tempo eles conversam sobre a letra da música e

como o movimento da mão tem relação com ela. S segue imitando os movimentos à medida que as músicas vão se alterando, algumas vezes J pede que ela pare de imitar.

J observa que existem algumas bonecas que se encontram próximas, questionando de quem são elas, mas as outras crianças parecem interessadas em os termos que aparecem nas músicas. Ao não ser respondida J começa a dança, se movimentar ao ritmo da música. S que algum tempo imita as músicas e J que esta próxima, prestam atenção em R explicando por que a Oshun chora, segundo ele Oshun se emocionava muito e por isso sempre chorava. S questiona se eles iriam receber água na cabeça, pois tem receio de se molhar. Rejane(os convida para levantar-se e se posicionarem para receber o asé de oshun, os auxiliando a se organizarem) Após terem suas cabeças molhadas retornam a seus lugares. R ao retornar senta abaixa a cabeça e coloca as mãos sobre o rosto, ao levantar afirma “quase que eu choro”. Re (13) que havia chegado a pouco, também se posiciona para receber o *asé*.

R começa a brincar com a J sobre os cabelos molhados. Ao tocaram a música “hoje tem alegria” J comenta que eles vão ficar tontos de tanto rodar. Poucos instantes depois a Entidade Oshun(D.Dalva) se direciona para os fundos do espaço ela pára no meio do caminho e chama J para lhe acompanhar, ela vai.

R fica atento ao atabaque e as instruções só ogã chefe, observando os movimentos e informações trocadas. Quando a música “fui no jardim colher as rosas” começam R observa a movimentação do local onde J havia sido levada, oscilando até o retorno dela entre olhar os atabaques e o local.

Enquanto R fica neste movimento Guta que está próximo as crianças, começa a lhes mostrar o ritmo de bater palmas para aquela música, elas vão pouco a pouco imitando-a. Começa a música do Doum e Rh e R comentam sobre as aulas de atabaque que elas estão realizando na casa.

O cheiro de refrigerante, guaraná, começa a emanar pelo espaço e se escuta de longe o barulho de uma sanfona, vem vindo a Entidade Crispim (D.Dalva) retorna cheia de sacos e com a J. Cumprimenta as crianças. Perguntam a J onde ela foi ela responde “lugar nenhum”. Neste momento Crispim abre o refrigerante e começa a jogar sobre todos, algumas crianças aparentam surpresa como ocorrido, R abre os braços para receber o banho, logo em seguida a cabeça de todos é molhada. O ritmo do tambor fica mais acelerado e as crianças começam a dançar. Algumas entidades presentes (Rosinha- Pirucha) cumprimentam as crianças. Eles riem quando uma as entidades Doum (Thaiene) joga uma casca de banana em um deles. V e Re ficam apenas observando. Uma outra entidade conversa com as crianças (por conta do som do tambor não escuto) mas elas gargalham e brincam com ela.

S nesse momento levanta e se direciona a mesa de doces, aos poucos as demais crianças começam a realizar o mesmo movimento. Após elas retornarem, elas ficam em pé e começam a dançar. Entidade Doum passa com uma banana enfeitada apresentando elas para as crianças que riem e comprometem a banana. Eles são direcionados a retornarem ao local onde estavam antes, eles não escutam e seguem dançando apenas ao som do atabaque que toca nesse momento. Uma das Entidades (P) cumprimenta a S e mostra como o neném dela é bonito (boneca) enquanto uma outra criança que acompanha a mae incorporada(T) se aproxima.Uma das pessoas que auxiliam, pede para a J onde estão as coisas da Entidade da avó dela, ao pegar J vai auxiliar a entregar os objetos.

Elas começam a comentar a interação e riem, quando questiono do que riem S responde “é pq tem cada bebê fazendo coisa engraçada” se referindo às pessoas incorporadas. Depois começam a conversar sobre porque antes não podiam pegar os doces e agora podem. h afirma que é por que “agora eles estão incorporados”. Uma das crianças, R, pede atenção para escutar o atabaque pois está começando a musica

“Eu quero bolo, eu quero bolo, eu quero bolo pra passar na sua cara” ao iniciar a música as crianças se animam param de conversar e vão dançar. Uma das Entidades Doum vem passar bolo no rosto deles, as crianças gargalham e seguem se lambuzando de bolo. Algumas crianças mais velhas reclamam que tem bolo no cabelo e na sobrancelha. Após alguns instantes a mãe de um deles pede para ele ir se limpar, ele se ausenta. Enquanto S questiona se eles podem ir se limpar neste momento a Entidade Crispim chega distribui bolo e pergunta

- “quem fez isso”- pergunta Crispim, apontando para as manchas de bolo.
- foi minha tia” - responde o V

- Não! - afirmam Re e J(ressaltando que ambas são filhas da pessoa que incorporava a entidade)
- “Foi o menino” - Segue a J

Eles seguem comendo o bolo quando Doum vem com as mãos cheias de amora e começa a rolar no chão imitando que havia sido machucado. As crianças riem da situação. A entidade começa a jogar amora neles. Uma das médiuns vem reclamar da bagunça, Doum sai correndo e as crianças ficam chateadas que não haviam feito nada e levaram bronca.

O atabaque começa a se organizar para trazer todas as “crianças” para terra, enquanto as entidades vão pegando as pessoas para fazê-lo. Os médiuns não incorporados distribuem doces, bolos, refrigerante para as pessoas. As crianças voltam a sentar mas em um local um pouco distante não consigo escutar sobre o que conversam. J neste momento está empolgada batendo palmas, enquanto S começa a auxiliar recolhendo restos de bala e descartáveis que se encontram pelo espaço auxiliando a Rejane e Camila. Após recolher as coisas ela, J e J, vão pegar mais doces. Ao retornar Scomenta com a Camila que a Vicky, não veio (se referindo a entidade dela não ter incorporado).

J vê a mãe incorporada e fala que ela que brincou, a Entidade Doum responde que ela vá atrás do menino, se referindo a Entidade Crispim. J segue rumo ao Crispim. Neste momento as entidades começam a ir trabalhar as crianças se espalham pelo espaço e não consigo mais acompanhar seus movimentos e conversas pelo espaço. Em alguns momentos elas retornam para próximo do atabaque prestam atenção nas músicas e batidas e somem, ou brincam na areia, pegam doces ou brinquedos. Essa dinâmica segue até o final.

Por volta das 19h30 começam a subir as entidades, desincorporar. Algumas crianças retornam às bancas para observar.

ANEXOS

Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante: Sou estudante do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão do Professora Dra. Patricia L. M. Pederiva, cujo objetivo é investigar o que o terreiro de educa. Sua participação envolve a coleta depoimentos e autorização de observação das dinâmicas do espaço. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador pelo e-mail marcelavreal@gmail.com.

Atenciosamente,

MARCELA VILLA REAL FRANCO TAVARES

Núcleo Bandeirante, 28 de setembro de 2019

Matrícula(Unb): 150138784

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Anexo B - Autorização de uso de imagem

Eu, _____, _____, _____, portador(a) da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito(a) no CPF/MF sob nº _____, representante legal de _____, _____, nascido em _____, menor de idade, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso da imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Marcela Villa Real Franco Tavares, Brasileira, Solteira, portador(a) da Cédula de Identidade RG nº 2716717-SSP/DF, inscrito(a) no CPF/MF sob nº 016.835.891-30, bob a orientação da Professora Dra. Patrícia L. M. Pederivado projeto de pesquisa intitulado **“Estéticas do aprender: o terreiro como espaço educativo”** a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher o depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

Brasília, ____ de _____ de 2019

 Pesquisador responsável pelo projeto

 Responsável Legal
 Nome do menor:
 Telefone p/ contato: